



PREFÁCIO I

A INSURGÊNCIA RADICAL NAS ARTES CÊNICAS E A LUTA CONSTANTE CONTRA A CAPTURA

ALEXANDRA GOUVÊA DUMAS

Professora Doutora da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (2018) e professora da Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe (2010- 2018). Possui Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal da Bahia (1994), especialização em Educação Física/ Estudos do Lazer pela Universidade do Sudoeste da Bahia (1999), Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal da Bahia (2003) e mestrado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2005). Doutora em Artes Cênicas pela UFBA em regime de cotutela com a Université Paris- Ouest Nanterre La Défense (2011) com pesquisa sobre festas populares africana e brasileira, trabalho laureado com a Menção Honrosa no Prêmio Capes de Tese 2011. Foi cofundadora, professora e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Culturas Populares, da UFS. É professora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, da UFBA.

O recorte editorial da publicação do número 55 do Cadernos do GIPE-CIT, intitulado Histórias insurgentes nas artes cênicas – Memórias, Narrativas, Tradições e Contemporaneidade, destaca, tanto no título quanto nas temáticas abordadas, questões extremamente pertinentes ao amplo campo das artes cênicas.

A pertinência aqui pontuada refere-se a elementos que constituem parte dos chamados grandes problemas da contemporaneidade, no que diz respeito às relações humanas, bem como às relações com os ambientes e territórios nos quais nós, humanos, vivemos. O adjetivo “insurgente”, termo constitutivo do título e qualificativo das histórias escritas nos artigos publicados neste volume, sugere uma reação diante de uma ameaça.



É a partir desse ponto que sigo este percurso de escrita, acompanhando a trilha da insurgência sugerida no título. Se surgimos em estado de reação, o que nos ameaça no campo das artes cênicas? A que, precisamente, reagimos? Se o pensar e o escrever são, aqui, vias de nossa rebelião, como (e o que) podemos fazer para alcançar escuta, agregar pessoas e desenvolver ações e relações efetivamente insurgentes?

A própria academia, na qual estamos inseridos/as, carrega um lastro histórico conservador e elitista que, em contraponto, impulsiona o levante de nossos gritos em insurgências escritas. Contudo, ao estarmos e sermos parte do meio acadêmico, é preciso cuidado para que a própria insurgência não seja capturada, a ponto de tornar-se um discurso esvaziado de seus reais sentidos políticos, coletivos, emancipatórios, de rebelião e de revolta. Não à toa, os sistemas de captura de corpos e de ideias incorporaram, às narrativas mercadológicas – e até acadêmicas –, termos, ações e reflexões oriundos das práticas de resistência. As grandes empresas, as marcas e os seus dispositivos midiáticos têm, recentemente, capturado a pauta negra, por exemplo, promovendo um certo tipo de apaziguamento das tensões raciais, em vez de uma modificação efetiva de um modelo operacional que funciona pela e para a exclusão (eliminação) de pessoas e culturas negras.

É como se estivéssemos – nós, seres críticos diante do regime colonizador e capitalista – a todo momento enfrentando e criando meios de resistência a um sistema cruel de opressão, alimentando e inventando outras formas de existir, percebendo os ataques e elaborando fugas ou enfrentamentos às capturas, ou até quando somos capturados e sequer percebemos.

Cada vez mais somos – e estamos sendo – sujeitos individualizados, com propósitos cada vez menos articulados a projetos políticos coletivos emancipatórios. Com isso, nossas pesquisas e projetos acabam também sendo cooptados por perspectivas neoliberais e mercadológicas, de modo que aquilo que era da ordem da insurgência passa a integrar o fluxo da apreensão: preservam-se os traços da palavra, enquanto se esvazia o sentido da revolta.

Ainda assim, acreditamos, enfrentamos, ressurgimos, insurgimos e elaboramos pesquisas, ações e projetos de caráter contestatório à ordem estabelecida. A escrita é uma das vias para potencializar nossa fala, nossos sussurros, nosso grito e até nosso silêncio. Contudo, não temos como mensurar com precisão o alcance que um texto, uma revista, uma pesquisa ou um relato escrito



podem ter. Ao estruturar em artigos pesquisas desenvolvidas no meio acadêmico, surge-me a imagem de pessoas lançando garrafas no vasto oceano, sem saber aonde irão chegar ou quem terá acesso a seu conteúdo... Ainda assim, insistimos em lançá-las. E, desse modo, com cada vez mais escritas que se revoltam e seguem sendo lançadas, ampliamos as possibilidades de alcance e de conexão em coletividades fortes e atuantes.

Assim como a academia, as artes cênicas em seu formato “original” europeu também carregam um lastro histórico elitista e conservador, que, em suas bases políticas e estéticas, promove modos de atuação e pensamentos voltados à preservação de uma estrutura de dominação. Contudo, as insatisfações coletivas diante desses mecanismos de opressão e dominação, mesmo quando agindo de dentro dessas mesmas estruturas, vêm provocando abalos expressos em poéticas escritas que questionam e propõem uma descentralização territorial e cultural europeia, evidenciando protagonismos periféricos e reposicionando posturas ideológicas de raça, classe e gênero.

Por tais razões, o conjunto de textos do *Cadernos do GIPE-CIT* reúne vozes diversas, formando um sistema comum de veias abertas de alta circulação e grosso calibre que atravessa distintos territórios e amplia o alcance de potentes reflexões no campo das artes cênicas. Assim, a insurgência atua escrevendo, sendo escrita e rebelando-se contra as capturas – um estado constante de reelaboração, reinvenção e reinsurgência.